

A PLURALIDADE DA IMAGEM DE SANDINO NA APROPRIAÇÃO DA FSLN

Juliana Tália R. De Hollanda¹

Patrícia Helena Viana Demétrio de Sousa

RESUMO

Nesse artigo veremos como a rememoração de Augusto César Sandino contribuiu na consolidação da ideologia da FSLN, na unidade do grupo revolucionário e na propaganda para conseguir o apoio da população nicaragüense para concretização da revolução, que se deu em 19 de julho. A pluralidade de significados que vai adquirir a imagem de Sandino nesse período, sendo a mesma tão forte que ficou presente na memória do povo nicaragüense, inesquecível como aquele 19 de julho 1979.

Palavras-Chave: Memória, Sandino, FSLN

INTRODUÇÃO

“(...) antes de termos revivido Sandino, já havia uma contribuição do sandinismo à luta do proletariado. De resto, os próprios cubanos reconheceram que, de certo modo, a experiência do 'general dos homens livres' inspiraram a luta deles.”

Bayardo Arce, líder sandinista.

O interesse fundamental deste artigo é entender, historicamente, como se deu a apropriação da figura de Augusto César Sandino pela FSLN (Frente Sandinista de Libertação Nacional) e a construção ideológica revolucionária da Frente, que somou ao pensamento de Sandino outros ideais políticos, como por exemplo o marxismo.

Para compreender essa apropriação, o porque da tentativa de “resgate” do pensamento e imagem de Sandino depois de 26 anos de sua morte pelo grupo guerrilheiro nicaragüense, analisaremos algumas das falas de três líderes sandinistas: Bayardo Arce, Humberto Ortega e Jaime Wheelock, em entrevista dada a Gabriele Invernizzi no ano de 1985 (seis anos após a revolução nicaragüense), e que resultou no livro *Sandinistas*.

Para o fulcro de nossas hipóteses nos apoiamos na obra *En el camino hacia la nacion* de Hans-Joachim König, e dois textos retirados do livro *História da América Latina: Breve estudo sobre a história contemporânea da Nicarágua* de Amaru Barahona Portocarrero e *Nicarágua. Os últimos anos* de Mario Salazan Valiente.

Dividimos o artigo em duas partes. Na primeira intitulada “*Sandino é a Nicarágua*” nos propomos a situar, historicamente, a revolução sandinista de julho de 1979; especificando seus antecedentes históricos que influenciaram na escolha de Augusto César Sandino como ícone da revolução e problematizar o uso da imagem desse pela FSLN. Na segunda parte, intitulada *A Construção da ideologia Sandinista* analisaremos como o pensamento de Sandino foi reapropriado pelos revolucionários da Frente.

“SANDINO É A NICARÁGUA.”

I - UM BREVE ANTECEDENTE HISTÓRICO DE LUTA E DOMINAÇÃO NA NICARÁGUA

Para compreender a luta revolucionária antiimperialista, faz-se necessário analisar como se deu a “ocupação militar imperialista”² norte-americana na Nicarágua.

Em meados do século XIX o café passou a ser um produto amplamente cultivado na Nicarágua. Com essa “propagação do cultivo de café ocorre algumas transformações na infraestrutura”³ nicaragüense como o acumulo de capitais, construção da ferrovia e linha telegráfica; e uma divisão na classe social de proprietários de terra, que passaram a se constituir, segundo Amaru Barahona, em antigos latifundiários, imigrantes que enriqueceram com o cultivo de café e pequenos e médios proprietários. A partir dessa divisão e dos incentivos que o governo de Zelaya dar para outros cultivadores de café (como aos imigrantes), os antigos latifundiários do partido conservador financiados pelos Estados Unidos, que, por sua vez, ansiava pelo controle total da rota interoceânica e não tinha conseguido apoio de Zelaya, tentam dar um golpe no governo. Fracassam e em 1909, os Estados Unidos ocupam militarmente a Nicarágua.

Apesar da independência política que formalmente seguiu em vigor, a forma de dominação imperialista que se instaurou na Nicarágua a partir do momento de sua ocupação pela infantaria de marinha norte-americana (e que se prolonga, intermitentemente, até 1933) adquiriu, de fato, um caráter claramente colonial. (Portocarrero, p.245).

Desse modo, os governantes nicaragüenses que se sucederam nesse período passavam a ser uma espécie de administradores da “colônia” a serviço da “metrópole”. No entanto, algumas insurreições populares ocorrem nesse período de clara dominação norte-americana, como a dos caudilhos e o “movimento 'constitucionalista’”(que tem como general Augusto César Sandino.

O movimento de Augusto César Sandino foi um movimento anticolonial de libertação nacional já que, depois da traição do levantamento liberal 'constitucionalista' encabeçado por José María Moncada, estabeleceu como objetivo lutar contra as manifestações coloniais da dominação imperialistana Nicarágua: a ocupação do território nacional pelo exército norte-americano e a imposição direta pelos Estados unidos do 'pessoal político' de dominação.”(Portocarrero, p.251).

Com o avanço e fortalecimento do “movimento 'constitucionalista’” e a aproximação da Segunda Guerra Mundial, os Estados Unidos retiram sua marinha da Nicarágua em 1933, mas deixam a Guarda Nacional sob o comando de Anastácio Somoza. Em fevereiro de 1934 Somoza, numa armadilha, assassina Sandino. E em 1937, com o apoio norte-americano dá início à ditadura Somoza que se perpetua por 42 anos no governo da Nicarágua.

II - A FSLN E SUA APROPRIAÇÃO DA IMAGEM DE SANDINO

É nesse contexto que, nos anos 60, é fundada a FSLN por Carlos Fonseca⁴. E traz em seu nome, em sua bandeira, em seu brado, o nome daquele que Somoza tentou aniquilar da memória do povo nicaragüense: Sandino. Mas como se dá esse “resgate” da imagem de Augusto César Sandino? Como ele foi rememorado pelos guerrilheiros da Frente? Vejamos, então a fala de Jaime Wheelock, um dos líderes sandinistas

(...) E continuou assim até o momento em que criamos um espaço para atitudes críticas, para as vozes que nos indicavam a necessidade de que nos referíssemos mais à nossa sociedade, às nossas origens, e isso nos permitiu compreender quem éramos e de onde vínhamos. E reconhecer nossa bandeira, a de Sandino, a da Nicarágua. Sandino é a Nicarágua. E, então pudemos compreender que existe uma Nicarágua contra as intervenções militares, que existe uma Nicarágua dos oprimidos, dos pobres, uma Nicarágua imersa num grande horizonte internacionalista. Sandino era tudo isso; e então preferimos lutar gritando seu nome, gritando 'Sandino!'. Tínhamos um líder; e não é fácil para um país ter um líder como ele. Sandino era o produto de uma luta para conquistar nossa identidade nacional. (INVERNIZZI. 1985. P.23-24).

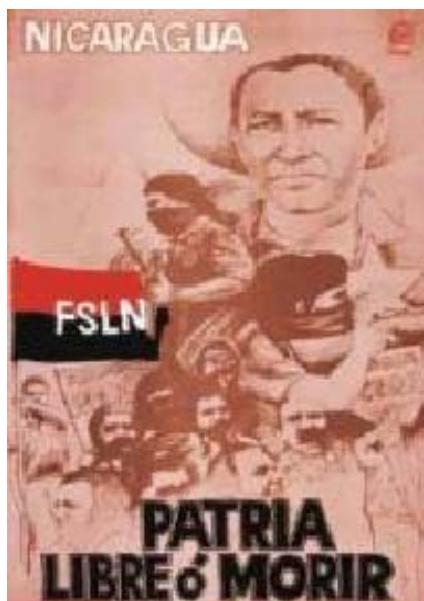
Vemos aqui que Sandino foi utilizado na tentativa de fazer nascer um sentimento nacionalista⁵ nicaragüense para, a parti daí, se dar a construção da identidade nacional⁶. Assim, o resgate da figura de Sandino pela FSLN, teve que quebrar com algumas imagens associadas a Sandino, “(...)por que é preciso dizer que alguns companheiros encaravam Sandino como um

santo. Isso não era correto”(INVERNIZZI.1985.P.24).

Tê-lo como santo não seria apropriado para a propaganda da FSLN, pois Sandino não deveria ser louvado como uma entidade religiosa e sim lembrado como um líder heróico, lembrado por sua resistência. Retomando as lutas revolucionárias do povo nicaraguense, sua tradição de luta armada e a busca intensa pela liberdade nacional; “(...)colocar nosso movimento revolucionário no leito da história e das tradições de nossa sociedade, recuperar as forças do passado de luta de todo nosso povo, redescobrir as reivindicações nacionais, a fim de nos lançarmos com todo o peso das mesmas contra a ditadura”(INVERNIZZI.1985.P.24).

Desse modo, Sandino é utilizado como um símbolo de luta em prol das “reivindicações nacionais”. E a luta da Frente Sandinista se tornaria um prolongamento da luta histórica de Sandino. Por ele ter iniciado uma luta revolucionária em 1927 contra a dominação estadunidense, os governantes conservadores que haviam se tornado marionetes dos Estados Unidos e, também, tinha a busca por uma organização social justa de teor cooperativo. Assim como Sandino, os integrantes da FSLN, também buscavam a libertação nacional da Nicarágua, lutando contra o imperialismo norte-americano, almejando melhores condições sociais e uma identidade nacional única, moldada para se adequar ao novo sistema político que era proposto pelos guerrilheiros.

Nada mais significativo do que, não só na bandeira, mas como o próprio nome do grupo revolucionário trazer o nome de seu “líder”. Fazendo de Sandino um ícone, uma imagem clara, nítida do anti-somozismo, o que observamos na fala de Humberto Ortega :



O Sandinismo teve um peso determinante em nossa formação revolucionária e foi uma bandeira para nosso povo. Sandino nos forneceu as grandes linhas do antiimperialismo, da transformação social e revolucionária, da estratégia armada, que levaram nos anos 60 à criação da Frente Sandinista. A ditadura Somozista fez de tudo para sepultar a idéia de

Propaganda da FSLN, nota-se Sandino(...) (INVERNIZZI.1985.p.50).
que a imagem de Sandino vem a
cima como que orientando
através de seu legado ideológico
e experiência revolucionária os
guerrilheiros que estão baixo
junto com o povo

Mais que a formação revolucionária, tática e ideológica, a tentativa de resgate da imagem de Augusto César Sandino pela FSLN, parece lhes servir de elo com a população e entre os próprios revolucionários com suas distintas concepções; já que na Frente Sandinista haviam três tendências ideológicas: “Guerra Popular prolongada”, que defendida a luta armada através do campo, os “Proletários”, que lutavam contra concepções populistas e os “Terceiristas” ou “Insurrecional”, que apoiavam a guerrilha urbana, que tinha como um dos líderes era Daniel Ortega⁷. É o que notamos nas falas abaixo de Ortega e Jaime Wheelock:

(...) Terminava ocorrendo que cada dirigente impunha ao seu trabalho um estilo e também algumas concepções políticas muito particulares. Em todo caso, é importante recordar que jamais houve entre nós diferenças ideológicas, mas antes divergências táticas; e que a existência das três tendências jamais provocou uma divisão ao nível das massas. Todos se sentiam de igual modo membros da Frente Sandinista. (INVERNIZZI.1985.P.38).

(...)O que ainda nos mantinha ligados era o fato de que provínhamos de um tronco comum e de que cada tendência se conservava ligada aos princípios ideológicos do Sandinismo. (INVERNIZZI.1985.P.40).

Depois da vitória, atribuímos uma enorme importância ao fator 'unidade'. E não só ao nível da Direção Nacional, mas também na base. A tendência dos movimentos revolucionários na América latina foi sempre a de que uma divisão, uma vez produzida, tornava-se insanável. Mudamos essa tendência de tal forma que quando, chegou o dia da vitória, todos os nossos militantes já tinham consciência de que o mais importante era manter a unidade, e que era necessário combater qualquer elemento que pudesse ressuscitar as tendências; e isso em qualquer nível, tanto de direção como de base. (INVERNIZZI.1985.P.43).

Além disso, a figura de Sandino como líder era utilizada para evitar uma possível desestruturação do movimento guerrilheiro, pois quando um líder ou dirigente era assassinado desorganizava-se o grupo, já que um novo líder era escolhido e nem sempre dava continuidade às estratégias e ideais do representante anterior, o que, por sua vez, acabava por fragmentar o grupo, pois alguns integrantes não aderiam às novas idéias ou a própria figura do novo líder e acabavam se afastando. Ao contrário, o líder da Frente Sandinista não mais poderia ser sepultado e sua imagem se perpetuaria como o seu “líder” que deveria permanecer na lembrança de todo o povo nicaraguense. Esse fato demonstra como a FSLN foi um movimento único, peculiar, pois era organizada por uma Direção Nacional que era composta por três representantes de cada tendência, dando um total de nove, unidos por um objetivo comum, seguidores de um ideal básico (o Sandinismo) e de um líder vivo na memória, que era Augusto César Sandino.

“A CONSTRUÇÃO DA IDEOLOGIA SANDINISTA”

No que diz respeito à contribuição do pensamento de Sandino aos dos revolucionários da FSLN, foi de extrema importância para consolidar a noção internacionalista de revolução, como ele mesmo dizia: *“Ninguém deve se surpreender se, num dia desses, nosso exército irromper os horizontes da América Latina...”*. Assim, a importância da luta armada afirmar-se-ia para além da revolução social e nacional, ultrapassaria as fronteiras influenciando, dessa maneira, as transformações sociais nos demais países da América. A responsabilidade dos revolucionários tornava-se mais ampla e mais complexa, pois deveriam conduzir o processo revolucionário de maneira organizada, servindo de modelo para a comunidade internacional.

Entretanto, algumas idéias de Sandino não pareciam ter um aprofundamento teórico para os revolucionários da Frente Sandinista, vejamos o que fala Bayardo Arce, outro líder sandinista:

Sandino era apenas um operário de origem camponesa, de baixo nível cultural, mas dotado de inspiração poética e messiânica. Sua documentação científica era pobre, precisava enriquecer-se teoricamente. Empenhamo-nos em dar uma teoria ao seu pensamento. (INVERNIZZI.1985.p.18).

Cabe ressaltar que, talvez, essa reformulação ou complementação científica do pensamento de Sandino pela FSLN, deu-se, também, pelo momento histórico de ambos ser diferente, alguns problemas sociais já não eram os mesmos vividos por Sandino (Como já foi citado a cima), assim como a formação intelectual dos revolucionários, sendo necessário uma certa mudança no pensamento revolucionário Sandinista. Além do mais essa “pobreza” científica não anulava o significado maior que tinha a imagem de Sandino, desse modo os revolucionários acrescentaram ao seu pensamento o marxismo, tornando única não só sua apropriação do pensamento de Sandino como a do próprio marxismo:

O Sandinismo é nossa ideologia própria. É a aplicação de toda a bagagem política universal à nossa própria realidade particular. Nesse sentido, tem um vínculo com o marxismo, e nós, juntamente com outras teorias, estudamos o marxismo. (INVERNIZZI.1985.P.15).

Contudo os revolucionários terem uma formação intelectual diferente entre si (lembrando que a FSLN era dividida em três tendências), foi preciso se utilizar do pensamento de Sandino sobre “unidade e tática”. Unidade, no sentido de que era preciso a união de todos os nicaragüenses para a concretização da revolução social; e tática, no sentido da “flexibilidade” do movimento, que levaria a essa unidade.

Ensinamos duas coisas: a unidade e a tática. Nenhuma das duas foi descoberta por nós, mas fizemos com que revivessem (...) Não pensamos que o processo[revolucionário] deva hoje ser branco, amanhã negro, vermelho depois de amanhã, e assim por diante. E não pensamos que, pelo fato de

não se ter esquemas, deixa-se de ser revolucionário. O importante é saber que, no final, existe uma cor única, a cor que se busca. Como diz a poesia de Ricardo Morales, 'o sol é vermelho e nasce rumo ao norte'. Pois bem: a tática é o caminho que se percorre para chegar lá. (INVERNIZZI.1985.p.19).

Nota-se na fala do líderes sandinistas Bayardo Arce, como foi importante essa apropriação da “tática” no ideal fundamental dos integrantes da FSLN, pois muitos setores intelectuais e sociais se uniram numa causa comum, num objetivo maior que era a derrubada da ditadura Somoza e a liberdade nacional. Objetivo esse, que superava as diferenças entre os revoltosos, dando-lhes mais força no combate. E a “flexibilidade” da Frente Sandinista parece servir como uma espécie de convite a todos que se opuseram a ditadura Somoza, que estavam cansados da intervenção norte-americana. Desse maneira, passa a ser compreensivo encontrar nos integrantes da Frente Sandinista de Libertação Nacional, camponeses, operários e até burgueses. *“A unidade havia se convertido numa necessidade histórica. É preciso sublinhar a sábia atitude dos dirigentes das três 'tendências'. Os obstáculos e dificuldades , provenientes de concepções distintas e de diferenças quanto a pontos de vista táticos foram admiravelmente superados”*⁸

O pensamento de Sandino é reapropriado, ainda, no que concerne ao combate antiimperialista e a organização social. O Estado continuaria a deter meios produtivos e a comandar as empresas estatais, mas os lucros seriam melhor distribuídos e toda a sociedade entenderia que a sua participação seria marcante no andamento da revolução social e suas reivindicações ouvidas, formando uma sociedade onde todos cooperam e produzem em prol de todos.



Sandino afirmava que a terra devia ser propriedade do Estado , que a forma de organização social devia ser a cooperativa. Tinha concepções sociais e políticas antiimperialistas e internacionalistas, que assumimos como nossa (INVERNIZZI.1985.P.18).

O Sandinismo construído pela FSLN desde de Carlos Fonseca, lutou, também, pela causa nacionalista deixada por Augusto César Sandino. Pois a população nicaragüense havia estado, há muitos anos, sob o jugo das decisões e interferências dos Estados Unidos. Sendo histórica não só a dominação em todos os níveis políticos, econômicos, sociais, culturais, na Nicarágua; como a luta pela libertação nacional e a busca pela verdadeira nacionalidade da Nicarágua, que coube-se para o novo

Ilustração 1: Foto tirada na revolução de 1979, nota-se que os guerrilheiros trazem um quadro com a foto de Sandino

sistema político que os revolucionários queriam instaurar e que estava longe de ter qualquer intervenção norte-americana.

Creio que a revolução foi um encontro do povo consigo mesmo. A Nicarágua teve, pela primeira vez, a possibilidade de ser a Nicarágua. Porque antes não o era. Não tinha fronteiras, não tinha economia, não tinha futuro. A população, os jovens estavam se desnacionalizando. Diria mais: antes, jamais houvera uma verdadeira nacionalidade. Saímos do colonialismo para o ostracismo, depois fomos dominados pelo imperialismo; com os Somozas, fomos apenas uma província dos Estados Unidos. Com a revolução, começaram a existir fronteiras, fronteiras geográficas, fronteiras econômicas. Nacionalizamos nossos recursos. E existem também fronteiras políticas: hoje, os embaixadores norte-americanos não vêm mais nos dizer o que temos de fazer. Hoje, somos nós que tomamos nossas decisões (INVERNIZZI.1985.p.28).

NOTAS

¹ As autoras cursam Licenciatura em História na Universidade Federal do Ceará.

2 PORTOCARRERO, Amaru Barahona. Breve estudo sobre a história contemporânea da Nicarágua. In: CASANOVA, Pablo González (org.). *América Latina. História de Meio Século*. Brasília: Editora da UNB, 1988.

3 *Idem*

4 Carlos Fonseca (1936-1976) buscou “resgatar” a imagem de Sandino, mesmo com a rigidez da ditadura Somoza e a tentativa de anular a memória de Sandino por eles. Forma a primeira coluna guerrilheira em 1961, com o apoio de Ernesto Che Guevara. Depois de um enfrentamento na fronteira da Nicarágua com Honduras, muitos integrantes são mortos e Carlos Fonseca gravemente ferido. Em 1962, forma um novo grupo revolucionário: a FSLN. Morre num combate contra a Guarda Nacional de Somoza.

5 Entendemos que a concepção de nacionalismo é bastante complexa e tem muitas significações possíveis em vários períodos e lugares no ocidente como nos diz KONOG, Hans-Joachim em sua obra *En el camino hacia la nacion., Nacionalismo en el proceso de formación del Estado y de la Nación de la Nueva Granada, 1750-1886*. Bogotá: Banco de la República, 1994. Por esse motivo aceitamos, no caso da Nicarágua, que “el nacionalismo puede definirse como un instrumento para motivar la actividad y la solidaridad políticas. Sirve para movilizar a aquellas partes de la sociedad

equiparadas com la 'nacion', o a la colectividad concebida como 'nacion', contra opositores internos o externos, o contra cualquier amenaza. ” (p.22)

6 “El problema de identidad nacional, es decir, de la creación de una consciencia común, de la identificación de los distintos grupos de la población con la sociedad como un todo y con el respectivo sistema político.” (KÖNIG.1994.P.29)

7 Daniel Ortega entrou em 1962 na FSLN. Depois da Revolução de 19 de julho de 1979, tornou-se líder da Junta de Reconstrução Nacional. Concorreu às eleições à presidência de 1984, obtendo a vitória. Em 1990 foi derrotado por Violeta Chamorro, voltando a estar na oposição. Daniel Ortega voltou à presidência em 2007. Uma das primeiras medidas de seu governo foi reduzir o salário dele como presidente e de seus ministros.

8 VALIENTE, Mario Salazar. Nicarágua. Os últimos anos. In: CASANOVA, Pablo González (org.). *América Latina. História de Meio Século*. Brasília: Editora da UNB, 1988.